

## **A ETNOGRAFIA AJUDA A ENTENDER AS RELAÇÕES RACIAIS NA ESCOLA?**

*Luiz Fernandes de Oliveira. PUC – Rio / UERJ / FAETEC*

### **Resumo**

A educação brasileira vem tendo nos últimos anos, através do olhar relativizador da antropologia, uma importante contribuição para os estudos de aspectos culturais, relações sociais e, especialmente, as relações étnicas e raciais. Em vista disso, verifica-se certa diluição de fronteiras entre campos de saber decorrentes também da desconstrução de modelos analíticos macros, que engessam explicações e entendimentos de significados culturais e relações micro-sociais. Neste sentido, este trabalho tem como objetivo apresentar algumas contribuições da área de conhecimento da antropologia e da etnografia nos estudos das relações étnico-raciais na educação.

**Palavras chaves:** etnografia – relações raciais – educação brasileira

### **Abstract**

## **DOES ETHNOGRAPHY HELP TO UNDERSTAND THE RACIAL RELATIONS AT SCHOOL?**

Brazilian education has had an important contribution for the studies of cultural aspects, social relations and mainly the ethnic and racial relations recently. For this reason, there are certain dilution of borders between fields also know decurrent of the deconstruction of analytical models macros that plaster explanations and micron-social agreements of cultural meanings and relations. In this direction, this work has as objective to present some contributions of the area of knowledge of the anthropology and the ethnography in the studies of the ethnic-racial relation in the education.

**Keys-Words:** ethnography - racial relations - Brazilian education

## A ETNOGRAFIA AJUDA A ENTENDER AS RELAÇÕES RACIAIS NA ESCOLA?

*Luiz Fernandes de Oliveira\**

Nos últimos anos, tem-se verificado uma preocupação na busca de metodologias e procedimentos para análise de processos educativos escolares e para dar conta de questões relativas às diferenças culturais e significados simbólicos nas relações pedagógicas e de aprendizagem. Assim, o olhar relativizador da antropologia, vem sendo identificado como uma importante contribuição para os estudos de aspectos culturais, relações sociais e, especialmente, as relações étnicas e raciais na educação. Em vista disso, verifica-se certa diluição de fronteiras entre campos de saber decorrentes também da desconstrução de modelos analíticos macros, que engessam explicações e entendimentos de significados culturais e relações micro-sociais. Neste sentido, este trabalho tem como objetivo apresentar algumas contribuições da área de conhecimento da antropologia e da etnografia nos estudos das relações étnico-raciais na educação.

Muitas das vezes, nas análises educacionais, faz-se necessário a observação dos significados e simbologias restritos ao campo da cultura e das relações culturais, entendido aqui como unidade e dimensão explicativa de relações sociais e processos de socialização. De certa forma, essas dimensões estão se fazendo presente com muita força, no campo educacional brasileiro, a partir das questões étnico-raciais e da diferença cultural e racial no contexto escolar.

### **O uso da etnografia no contexto educacional**

A etnografia como forma de retratar uma alteridade cultural foi consagrada por Malinowski e sua etnografia sobre os trobriandeses. Na introdução do seu livro, *Os Argonautas do Pacífico Ocidental*, este autor sistematiza seu método etnográfico como método de pesquisa de campo, demonstrando o modo como realizou a aproximação com os nativos, pondo em questão a importância do afastamento dos europeus existentes no arquipélago, da necessidade de entender a língua nativa, dominar as

teorias existentes sobre a vida social e não abrir mão do distanciamento para realizar a *reconstrução-tradução* da experiência da observação direta no convívio com os nativos nas mesmas condições de vida. Há a sugestão de uma entrada na vida do nativo, acompanhada do afastamento do europeu (principalmente dos valores emanados do olhar europeu sobre os nativos) e posteriormente um afastamento dos nativos para realizar a escrita ou descrição etnográfica. Esses princípios elementares do fazer antropológico nas condições de estudo de “outra sociedade e outra cultura”, acabaram por tornarem-se princípios básicos da pesquisa de campo que dariam base, necessariamente, a etnografia.

Clifford Geertz (1989), anos mais tarde, viria trazer novas possibilidades no trabalho antropológico com sua definição da cultura como “teia de significados” e da etnografia como uma “descrição densa”. Geertz mostra-nos que a descrição etnográfica é uma interpretação e que esta é a tarefa do antropólogo, ao contrário do que pensava Malinowski.

Para Geertz, a cultura é texto que deve ser lido, é o material de trabalho da antropologia e, encontrar o sentido dos significados, a tarefa do antropólogo. Considerando que qualquer ator social em seu contexto e em suas vivências interpreta sua experiência, o fazer antropológico implica interpretar interpretações. Esse seria o meio de realizar o objetivo da antropologia, que é ampliar o universo do discurso social.

Levando-se em consideração, por um lado, que os aspectos culturais, simbólicos e sociais no campo da educação podem ser pesquisados ou interpretados na perspectiva também de reconstrução de sentidos e significados, e que por outro, sabendo-se que os modos de viver, ver a vida e as relações de ensino-aprendizagem, não se apresentam de imediato ao observador, a experiência etnográfica pode contribuir para ampliação de um processo de reconstrução dos fatos observados e trazidos ao pesquisador por seus “nativos” da escola e sistemas de ensino. Portanto, os trabalhos selecionados que vamos analisar, de certa forma, estabelecem um diálogo com a antropologia e a etnografia, mesmo que alguns desses não façam referência a esses campos de conhecimento científico.

### **Os trabalhos analisados**

A etnografia tem a observação direta como técnica básica de coleta de informações, mas não se resume a ela. Uma pesquisa qualitativa não é uma etnografia, nem a observação participante a única técnica de observação. De alguma maneira, o universo empírico estudado indica, sob variadas formas, as técnicas mais adequadas. A familiaridade com a bagagem acumulada pela antropologia nos possibilita um diálogo imprescindível para as escolhas que faremos quanto às técnicas mais adequadas ou compatíveis às situações observadas. Muitas vezes, o convívio no cotidiano é a única forma de penetrar no modo de vida de um grupo e sintonizar com os planos comunicativos em que se movem. Nesse sentido, os trabalhos escolhidos aqui para nossa análise metodológica, que diz respeito as relações interétnicas na escola, são alguns possíveis exemplos para pensar o problema das informações que são ditas no campo pelos “nativos” e das observações feitas por uma pesquisa que, algumas vezes, contradizem esses mesmos ditos.

São três os trabalhos analisados: *Do silêncio do lar ao silêncio escolar. Racismo, preconceito e discriminação na educação infantil* de Eliane dos Santos Cavaleiro (2000); *Vozes e Silêncio do Cotidiano Escolar: as relações raciais entre alunos negros e não-negros* de Ângela Maria dos Santos (2007) e *Relações raciais nos contextos educativos: implicações na constituição do autoconceito das crianças negras moradoras da comunidade de Santa Cruz do município de Paulo Lopes/SC* de Gisely Pereira Botega (2006).

No primeiro trabalho, Eliane Cavaleiro vai buscar compreender como se tem desenvolvido o processo de socialização de uma geração de sujeitos sociais e que mundo lhes está sendo posto para ser interiorizado. Seu trabalho se insere no conjunto de pesquisas já realizadas com o objetivo de reunir informações sobre negros no sistema de ensino, e sua pesquisa, foi pensada a partir do acompanhamento de indivíduos no convívio social em suas relações multiétnicas no espaço pré-escolar. Sua perspectiva é apreender como a criança lida com suas primeiras experiências multiétnicas, como as pensa e as elabora.

Segundo a autora, a pesquisa começou a florescer no segundo semestre de 1995, quando ingressou no Núcleo de Pesquisa e Estudos Interdisciplinares do Negro Brasileiro da USP e que veio a se somar a sua experiência profissional em uma escola de educação infantil por mais de quatro anos.

Esta última informação é relevante, pois a autora a cita como uma das grandes motivações, pois em sua experiência docente, vivenciou várias situações de discriminação racial e racismo dentro do contexto escolar da pré-escola. Neste sentido, logo de início a autora afirma que a pesquisa vem da necessidade de confirmação teórica e empírica da própria experiência.

Além dessas referências experienciais, a autora vai resgatar a longa discussão acadêmica e histórica a respeito do racismo e das relações raciais no Brasil e em outros países. Neste sentido, seus procedimentos e abordagens, junto ao campo de pesquisa, se nortearam na perspectiva de observar relações pedagógicas e interpessoais entre alunos, professores e responsáveis dos alunos. Assim, a pesquisa foi projetada tendo em vista o acompanhamento dos indivíduos no convívio social, em suas relações multiétnicas, tanto no espaço pré-escolar quanto na família. Para tal intento, a autora afirma: “...*não basta perguntar ao professor como ele concebe o seu relacionamento com as crianças. É necessário vê-lo na sua prática profissional, no seu dia a dia*”. Ou seja, mesmo não nomeando esse acompanhamento como “observação participante”, pode-se afirmar que a autora se alimenta de um procedimento bastante comum no campo da etnografia.

Mas antes dessa entrada em campo, a autora delimita algumas hipóteses como: o educador da pré-escola brasileira apresenta dificuldades para perceber problemas nas relações interétnicas entre crianças; as crianças em idade pré-escolar já interiorizam idéias preconceituosas e; o silêncio do professor, no que se refere à identidade étnica e às diferenças, facilita o desenvolvimento do preconceito e a ocorrência de discriminação no espaço escolar.

A partir dessas hipóteses a autora vai observar as interações entre adultos e crianças em situações escolares, utilizando como principal fonte a observação sistemática de todos os atores do espaço escolar. Nessa observação, ela seguiu um roteiro pré-estabelecido de coleta de dados como a expressão verbal, a prática não verbal e a prática pedagógica.

Seu campo de observação foi uma escola municipal da cidade de São Paulo, que recebe diariamente cerca de 500 crianças com idade entre quatro e seis anos. Por outro lado, essa chamada “observação sistemática”, foi realizada no período de oito meses em três salas de aula. Numa segunda etapa, foram entrevistados profissionais da escola,

alunos e seus familiares. A autora afirma que sua preocupação era levantar os efeitos das relações multiétnicas na sociedade brasileira e na vida dos entrevistados.

O segundo trabalho, de Ângela Maria dos Santos, apresenta alguns aspectos do quadro das relações entre negros e não negros no contexto escolar, apontando as multiplicidades dos tipos de situações de discriminação racial que marcam as interações aluno-aluno. Segundo a autora, a motivação da pesquisa partiu da militância no movimento negro e da sua experiência como professora, onde presenciou situações de racismo e preconceito racial. Outro aspecto levantado foi que no decorrer da pesquisa, a autora identificou situações de encontro da “pesquisadora consigo mesma”, já que além de ter sofrido preconceito racial, retornou a um espaço escolar onde estudou por longos anos.

A preocupação principal da autora foi analisar a relação aluno-aluno, buscando compreender como as idéias racistas se estruturam entre negros, brancos e descendentes de indígenas. O estudo realizado tenta compreender a convivência entre alunos negros e não negros a partir de seus comportamentos e atitudes. Ela toma como ponto de partida as relações sociais no cotidiano escolar entre alunos de escolas estaduais no município de Cáceres-MT.

A autora descreve que foram envolvidos na pesquisa 223 alunos do ensino fundamental e que, durante cinco meses de observação participante, recolheu dados do cotidiano das relações raciais entre alunos e suas interações durante as aulas e no recreio. Além desses procedimentos, a autora se utiliza da técnica de grupo focal, com alunos e professores, para a percepção da discriminação racial no contexto escolar. Segundo a autora, o método da observação participante, “*permitted to know the specificities of the relational aspects between students in the school daily*”.

Na estrutura do trabalho, a autora vai discutir sobre a classificação racial dos alunos e, na análise do campo, se utilizará de categorias já bastante debatidas como racismo, relações étnico-raciais, democracia racial e auto-estima de crianças negras.

O terceiro trabalho é de Gisely Pereira Botega, uma dissertação de mestrado da Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC. Trata-se de uma pesquisa sobre a constituição do autoconceito de crianças negras moradoras da comunidade de Santa Cruz do município de Paulo Lopes em Santa Catarina.

Segunda a autora, a pesquisa de campo se caracteriza como um estudo etnográfico, onde foi feita observação participante em uma sala de aula da primeira série, nas aulas de educação física, nos intervalos e recreios, além de entrevistas semi-estruturadas com professoras e avós negras e brancas moradoras da comunidade. Para a autora, os resultados obtidos nas análises dos dados, apontaram para algumas dificuldades de relacionamento e interação entre crianças brancas e negras.

Diferentemente dos outros trabalhos, a pesquisadora é conhecida pelos atores do campo desde criança, pois se encontra na cidade onde nasceu e cresceu. Nessa trajetória na cidade, assim como durante sua vida profissional numa das escolas, também presenciou situações de racismo e discriminação racial. Mas, uma característica difere esta pesquisadora das outras acima descritas: está se classifica como branca.

O problema da sua pesquisa pode ser resumido na seguinte questão: como se constitui o autoconceito das crianças negras, moradoras da comunidade de Santa Cruz, a partir das relações raciais, sociais e culturais vivenciadas em seu contexto escolar?

No aspecto metodológico, este trabalho é o que mais expõe o processo da pesquisa, problematizando a entrada no campo, os diversos recursos utilizados e a tentativa de relacionar os diversos pontos de vista dos participantes. A autora descreve inclusive sua extrema necessidade de estranhar um ambiente que sempre lhe foi familiar. Suas referências neste aspecto se basearam em Ludke e André (1986) e Geertz (1989), este último com a categoria “descrição densa”.

Utilizando-se do diário de campo, das fotografias, das observações do cotidiano e das entrevistas, a pesquisadora focalizou seu objeto numa sala de aula de uma escola estadual, e esse processo, junto a sua experiência de estágio na escola anteriormente, durou cerca de dois anos.

Como veremos mais adiante, a autora além de utilizar referenciais teóricos comuns aos dois trabalhos anteriormente vistos, destaca que os resultados da pesquisa provêm também do método etnográfico e sua preocupação com o processo de construção dos dados.

## Quadro comparativo I

	Do silêncio do lar ao silêncio escolar.	Vozes e silêncio do cotidiano escolar.	As relações raciais nos contextos educativos.
Objetivo	Compreender a socialização de crianças negras da educação infantil entre quatro e seis anos de idade.	Compreender como as idéias racistas se estruturam nas relações entre negros, brancos e descendentes de indígenas no contexto escolar.	Compreender a constituição do autoconceito, no contexto escolar, de crianças negras e moradoras de uma comunidade pobre no município de Paulo Lopes-SC.
Tipo de pesquisa	Observação “sistemática” do cotidiano escolar através de observação participante.	Estudo do cotidiano escolar de alunos negros e brancos através de observação participante.	Estudo etnográfico do contexto escolar de crianças pobres e negras.
Objeto	Percepção do racismo entre professoras de uma escola municipal de educação infantil, alunos e seus familiares em São Paulo-SP.	Relações raciais no cotidiano escolar entre 223 alunos de escolas estaduais no município de Cáceres-MT.	Constituição do autoconceito identitário de crianças negras no contexto escolar e das relações raciais entre brancos e negros.
Motivação	Militância política e acadêmica	Militância no movimento negro e experiência profissional docente.	Parece que pelo fato de ser branca e conviver desde a infância com pessoas negras que sofrem com o racismo, a incentivou no aprofundamento da compreensão desta questão, na perspectiva de desnaturalização da discriminação e do preconceito racial.
Imersão no campo (estratégias/contexto)	Se apresenta no campo com a proposta de pesquisar o processo de socialização escolar e é aceita com tranquilidade. Passa a freqüentar a escola semanalmente durante 8 meses. Mas restringiu seu papel desde a apresentação como pesquisadora, estabelecendo um divisor de águas entre tarefas de pesquisa e tarefas dos atores do campo. Não explorou uma indagação que fez durante a pesquisa: se caso não fosse negra como seria tratada.	Não explica a forma de abordagem no campo. Apenas cita que retornou a uma das escolas em que foi aluna e onde sofreu preconceitos por ser negra. Realizou em 5 meses a observação participante.	A pesquisadora já era conhecida no campo. Moradora da comunidade onde pesquisou, nasceu na mesma cidade e trabalhou durante algum tempo em uma das escolas que pesquisou. Inventou algumas estratégias de aproximação com as famílias das crianças, para em seguida, estabelecer relações com as crianças no contexto escolar. Entre estágios e pesquisa, coletou dados durante 2 anos. Por ser conhecida no campo, durante a pesquisa problematizou sua presença em várias situações para não perder o foco e construir o estranhamento do seu olhar num contexto extremamente familiar, inclusive o fato de ser considerada branca.

## Quadro comparativo II

	Do silêncio do lar ao silêncio escolar.	Vozes e silêncio do cotidiano escolar.	As relações raciais nos contextos educativos.
Estratégias metodológicas	Observação do cotidiano escolar, entrevistas com profissionais e responsáveis pelos alunos.	Observação do cotidiano escolar, grupo focal com professores e alunos, questionário para auto-classificação racial.	Observação participante com uso sistemático do diário de campo, uso de fotografias e histórias de vida, diálogos informais e convivência diária com a comunidade como tática de aproximação e entrevistas semi-estruturadas com professores.
Categorias de análise	Embranquecimento, democracia racial, diferença étnica, socialização primária, identidade, processo de socialização, racismo, preconceito, discriminação e estigma.	Identidade, teoria do embranquecimento, mestiçagem, preconceito de marca, mito da democracia racial, morenidade, cotidiano escolar, estigma, diferença étnica, racismo, branquidade, estereótipo.	Infância, identidade, democracia racial, branqueamento, heteronormatividade, relações de gênero, estereótipo, racismo, conflitos raciais, cultura da escola, interculturalidade.
Principais resultados	<p>1- Os professores são “cegos” em relação a presença do racismo nas escolas;</p> <p>2- As famílias reproduzem o racismo secular na sociedade brasileira;</p> <p>3- A origem étnica condiciona um tratamento diferenciado na escola e as crianças percebem esse tratamento;</p> <p>4- Há uma linguagem não-verbal legitimadora de práticas racistas e do silenciamento dessas;</p> <p>5- O professor reproduz o padrão tradicional de relações raciais da sociedade;</p> <p>6- Por conta do público observado, crianças de 4 a 6 anos, a autora afirma que o silêncio escolar quanto a questão do racismo é um “silêncio criminoso”.</p>	<p>7- Os estigmas são naturalizados nas relações raciais e sociais;</p> <p>8- Entre alunos é natural a hierarquização pela raça;</p> <p>9- Para os alunos negros o cotidiano escolar é mais difícil de ser vivenciado;</p> <p>10- O preconceito racial alimenta relações de poder desigual entre alunos negros e não negros;</p> <p>11- Os professores reconhecem a existência de desigualdades raciais, mas não há um trabalho pedagógico no trato da questão;</p> <p>12- É necessário que a escola conduza um trabalho de reeducação das relações étnico-raciais.</p>	<p>13- Os professores reconhecem que existem conflitos raciais, mas evidenciam suas dificuldades em lidar com as crianças negras;</p> <p>14- Por conta do racismo, as crianças negras têm mais dificuldades de aprendizagem;</p> <p>15- Existem muitas dificuldades de relações entre crianças negras e brancas, inclusive um certo <i>apartheid</i> dentro da sala de aula;</p> <p>16- As relações raciais estão articuladas com as relações de gênero;</p> <p>17- O autoconceito de crianças negras se constitui a partir de contextos sócio-educativos, nos quais interagem as diversidades de raça, gênero, classe e culturas, e que portanto, não é possível pensar e agir pedagogicamente com base na noção de igualdade entre todos.</p>
Limites	<p>Ao partir de uma hipótese, o desenvolvimento da pesquisa expõe somente a confirmação da mesma.</p> <p>Não descreve maiores detalhes de como a pesquisadora se apresentou no campo.</p> <p>Não explicita o tema e os objetivos junto ao campo.</p>	<p>O trabalho passa a idéia de que todo o cotidiano escolar confirma a literatura acadêmica sobre a questão.</p> <p>Não descreve sua imersão no campo e as percepções do campo sobre a pesquisa.</p> <p>Através de citações vagas. Faz conclusões gerais sobre determinada categoria amplamente estudada na literatura acadêmica.</p>	<p>Poderia ter dialogado um pouco mais com a literatura sobre a questão racial regional (Ianni e Cardoso)</p>
Contribuições	<p>Os dados coletados confirmam a ampla literatura sobre a questão racial nas escolas. Destaca ainda, a importância política de uma pesquisa acadêmica para a luta anti-racista nas escolas.</p>	<p>Também este trabalho confirma amplamente muitas conclusões sobre as relações raciais na escola.</p> <p>A pesquisadora, apesar da lacuna observada acima, estabelece conexões e diálogos entre observações e declarações, descrevendo inclusive as contradições entre o observado e o declarado.</p>	<p>Na perspectiva etnográfica a pesquisadora consegue relacionar dados do processo de construção da pesquisa com as categorias já consagrada na literatura acadêmica.</p>

## **Contribuições para uma pesquisa etnográfica a partir das lacunas identificadas**

A pergunta que nos propomos a responder neste texto é: quais as contribuições da etnografia para o entendimento das relações raciais na escola?

Como vimos anteriormente, os três trabalhos abordam questões muito semelhantes e suas conclusões também são parecidas, ou seja, de um modo geral, os sujeitos que estabelecem relações sociais no espaço escolar, quando são mobilizados pelas questões raciais, expressam, e as vezes enunciam, um certo padrão de relações baseado na discriminação e no racismo.

Os três trabalhos reivindicam referenciais teóricos, categorias e conceitos já recorrentes na literatura acadêmica como: a teoria do embranquecimento, a identidade racial, racismo, o mito da democracia racial, o estereótipo, o estigma, dentre outros. Além de autores como Gomes (1994), Hasenbalg (1979), Goffman (1963), Munanga (2004) e Bento (2002), todos esses bastante citados em outros trabalhos da mesma área de estudo.

Neste sentido, o que se percebe é a existência de categorias fortes, ferramentas de análise que circulam por vários aspectos e dimensões dos estudos étnico-raciais no campo da educação. Em outros termos, os conceitos, as categorias e as ferramentas de análise que as autoras utilizam, na partida em direção ao campo, deixam claro o que se poderá encontrar em termos de relações raciais no contexto escolar.

Um exemplo claro dessa questão é o conceito de mito da democracia racial. Nos trabalhos das autoras, vamos encontrar depoimentos de professores e alunos que afirmam não existir racismo no Brasil e nas escolas. Entretanto, quando as pesquisadoras observam as práticas e falas desses mesmos sujeitos, identificam distinções e preconceitos por questões de cor da pele e tipo de cabelo, onde o fenótipo negro é desprezado ou excluído de certas relações sociais.

Neste sentido, as ferramentas de análises e os referenciais teóricos, bastante consolidados na literatura acadêmica, se confirmam na observação do campo empírico das pesquisadoras. Aqui se explica, por exemplo, como nesses três trabalhos, não encontramos dados novos que diferem de outros trabalhos acadêmicos. Por conta disso, fica evidente que a visibilidade do racismo, aparece nas práticas, mas não são enunciadas pelos sujeitos pesquisados.

Outra decorrência desse aspecto que apresentamos, é o fato de que o tempo de permanência no campo, em oito meses semanalmente numa pesquisa, cinco meses em outra e quase dois anos numa outra, interfere nos resultados das pesquisas quase que de forma semelhante. Entretanto, identificamos três aspectos, que do ponto de vista da metodologia de pesquisa e fazendo recurso centrado na etnografia, contribuíram para certa diferenciação entre os três trabalhos, isto é, o dado autobiográfico de uma pesquisadora, a exploração de fontes e dados no contexto extra-escolar e a problematização do processo de construção dos dados da metodologia para a percepção de possíveis resultados de pesquisa.

No primeiro aspecto, nos parece que tanto Eliane Cavaleiro como Ângela Maria dos Santos, exploram um campo bastante conhecido. Pelo fato de serem negras e declararem pertencer e concordar com as políticas de combate ao racismo dos movimentos negros, partem para o campo sem problematizar a possibilidade de encontrar dados novos, ou seja, muito divergentes do que já existem na literatura acadêmica. Além disso, por possuírem uma experiência política, caracterizam seus trabalhos numa perspectiva de contribuição para o combate ao racismo na escola e a reeducação das relações étnico-raciais na educação.

Isso se reflete, no nosso entendimento, no fato das mesmas não explicitarem como se deu suas entradas no campo e em algumas citações de enunciações e posturas de alunos e professores, que literalmente, parece não ter nada a ver com as relações ou situações de discriminação racial. Ao final das descrições dessas situações, vem a interpretação das autoras, confirmando as referências teóricas reivindicadas pelas pesquisas.

Diferentemente dessas duas pesquisadoras, Gisely Botega problematiza sua entrada no campo, relata suas intrínsecas relações com os sujeitos, problematiza o processo de construção dos dados, e por conta desses fatores, a nosso ver, apresenta alguns resultados diferentes das outras duas pesquisadoras.

Gisely se declara branca e descreve que nasceu e sempre viveu na comunidade e na cidade na qual realizou sua pesquisa. Neste sentido, reivindica explicitamente uma postura etnográfica, tentando aprofundar o estranhamento numa relação que sempre lhe foi familiar. Assim, dedica todo um capítulo de seu trabalho sobre as formas de entrada no campo, a invenção de estratégias de abordagem inicial sobre os sujeitos e afirma que

o processo de coleta de dados pode interferir nos resultados da pesquisa. Exemplo disto é quando ela explicita que “*voltar para a escola foi um desafio para mim, porque tinha de me afirmar como uma pesquisadora, não mais como estagiária de psicologia, especialmente para as crianças...*”. Ou seja, ela percebe nitidamente, e coloca como dado metodológico, sua condição autobiográfica que poderia interferir nos resultados de pesquisa.

O segundo aspecto a destacar é a exploração de fontes e dados no contexto extra-escolar. Aqui, mais uma vez, as duas primeiras autoras – Eliane Cavaleiro e Ângela Maria dos Santos – diferem do trabalho de Gisely Botega. Percebemos aqui uma diferença etnográfica, pois as fontes, os dados e a observação sobre o entorno da escola, nos parece um diferencial explicitado entre as pesquisas.

Nos trabalhos de Eliane Cavaleiro e Ângela Maria dos Santos, os sujeitos da pesquisa são explicitamente as crianças negras e suas relações com as não negras, evidenciando práticas de discriminação que confirmam uma realidade social existente no país e nas escolas brasileiras. Entretanto, elas se limitam a confirmar essas conexões entre micro e macro análise na realidade da escola.

Gisely Botega tenta um empreendimento diferente. Da mesma forma, ela procede na construção de seu objeto e prioriza certos sujeitos, ou seja, relações entre crianças negras e não negras, porém, vai mais além: tenta construir dados empíricos a partir também do contexto comunitário entorno à escola. A pesquisadora se aproxima das famílias das crianças e tenta compreender como estas influenciam na auto-imagem das crianças dentro da escola. Esse procedimento fica bem explicitado a partir das descrições das observações e enunciações das crianças e dos professores dentro da escola, ou seja, o contexto comunitário e as relações extra-escolares são sempre citados e sempre mobilizados nas interações escolares entre negros e não negros.

Entretanto, podemos perceber que talvez a não priorização deste aspecto extra-escolar, por parte das duas primeiras autoras, se explique pela própria escolha do objeto e do contexto territorial, isto é, Eliane Cavaleiro está numa escola de uma grande metrópole, Ângela Maria dos Santos encontra-se numa escola de uma cidade de referência regional, enquanto que Gisely Botega, em escolas marcadamente influenciadas por uma histórica comunidade apartada de um contexto maior. Para Gisely os recursos etnográficos lhe pareciam imprescindíveis, pois se fazia necessário

relacionar vidas cotidianas e enunciações auto-identitárias dentro e fora da escola, pois estavam intrinsecamente ligadas.

O terceiro e último aspecto se refere à problematização do processo de construção dos dados e da metodologia para a percepção de possíveis resultados de pesquisa.

Como afirmávamos anteriormente, tanto Eliane Cavaleiro como Ângela Maria dos Santos, partem de lugares teóricos e políticos que, de certa forma, induzem olhares sobre o objeto e os objetivos da pesquisa. Neste sentido, não explicitaram ou relataram muito pouco, o processo de construção de dados e possíveis resultados inesperados.

Eliane Cavaleiro, por exemplo, antes da entrada em campo, formula hipóteses fortes como: o educador apresenta dificuldades na percepção do racismo entre crianças, as crianças entre 4 e 6 anos de idade já interiorizam preconceitos raciais e, por fim, há um silêncio dos docentes em relação a ocorrência de discriminações raciais no espaço escolar.

Por sua vez, Ângela Maria dos Santos faz uma exposição sobre seus interesses políticos na pesquisa, estabelece a metodologia da observação do cotidiano escolar, relata a coleta de dados e conclui o que parece ter esperado: estigmas naturalizados, hierarquizações pela raça, preconceito racial, não existência de trabalho pedagógico nesta questão por parte dos docentes e a necessidade de uma reeducação das relações raciais na escola.

Enfim, as duas autoras parecem somente confirmar, no processo de coleta de dados e no recurso à teoria, o que estaria evidente no Brasil e nas escolas. No nosso entendimento, não se explicita nenhuma preocupação etnográfica, que possa possibilitar a percepção de um dado novo ou resultados dissonantes.

Ao contrário das duas pesquisadoras acima, Gisely Botega problematiza a construção metodológica da pesquisa na perspectiva de vivenciar situações e capturar os sentidos profundos dos sujeitos pesquisados. Não parte de uma hipótese, nem mesmo de certezas teóricas, mas de indagações, suspeitas e pistas, que deveriam ou não serem confirmadas. Neste sentido é que se explica uma situação peculiar, não vista em outras pesquisas que descrevemos abaixo:

**“Diário de Campo: 5 de agosto de 2005.**

Durante a aula em que a professora explicava sobre matemática, havia muita conversa na sala, muitas crianças circulando pela sala e pedindo para tomar água e ir ao banheiro, algumas vinham até mim mostrar seus cadernos ou contar-me alguma situação que vivenciaram. Sonia, com voz alta e expressão de muita irritação diz: ‘quero só ver quem não tá fazendo a atividade e fazendo bagunça, vocês pensam que a Gisely não tá observando vocês é? Ela vai colocar o nome de todos os bagunceiros no livrinho dela’.

Esses foram apenas dois entre tantos outros momentos que os professores utilizaram minha presença nas aulas para tentar manter a ordem e o controle entre as crianças. Apesar de termos conversado sobre o ocorrido, sempre que tinham oportunidade, usavam minha presença como um modo de diminuir a bagunça, para tentar inibir as crianças. As próprias crianças vinham perguntar-me: é verdade mesmo que você anota tudo no seu caderninho quem faz bagunça na aula? A professora disse que é verdade.

O caderninho a que o menino se referia era meu diário de campo, em alguns momentos registrava situações que considerava mais importantes, mas, depois disto, decidi registrar em lugares sem a presença das crianças e dos professores. Todas estas situações fizeram-me refletir sobre o lugar de pesquisadora construído naquele espaço, muitas questões surgiram: Quais os modos que os professores compreendem o processo de pesquisa? O que compreendem por pesquisa e metodologia de pesquisa? Será que também não se sentiam observados e vigiados? E para as crianças, que percepções tinham sobre minha presença em sala de aula? O que para elas era uma pesquisadora? O que era pesquisa? Bom, foram questões que fui dialogando com meus sujeitos da pesquisa com o objetivo de pensar sobre esse processo de produção de conhecimento. Meus posicionamentos foram na perspectiva de desconstruir essa imagem sobre minha função de pesquisadora como que vigilante, observadora e controladora, por isso tentava apontar para outros modos de pensar e perceber minha presença no campo, como alguém que observava e participava porque desejava conhecer os sujeitos, seus interesses, gostos, culturas, saberes, etc, e também deixou-se conhecer.”

Ou seja, o estar presente entre os sujeitos e a possibilidade de influenciar suas percepções, eram fatores que a pesquisadora percebia e que poderiam influenciar os resultados de pesquisa. Enfim, além dos referenciais teóricos, existia uma preocupação com o processo metodológico da pesquisa, tendo em vista possíveis resultados que talvez não confirmassem suas “pistas” ou “suspeitas”.

Essa diferença etnográfica pode ser expressa em dois resultados díspares, mas coerentes respectivamente com as formas de imersão no campo: Eliane Cavaleiro com seus fortes referenciais politizados e suas hipóteses teóricas, conclui afirmando que o silêncio escolar sobre a discriminação racial sofrida por crianças negras na escola é um “silêncio criminoso”.

Nada contra suas conclusões, pelo contrário, entretanto, é nítida a diferença etnográfica com o trabalho de Gisely Botega, ou seja, esta última partiu de pistas, suspeitas, problematiza constantemente sua permanência no campo e conclui que o autoconceito identitário de crianças negras não se constitui somente pelo fator raça, mas este é também permeado por questões de gênero, classe e cultura, e que portanto, não é possível pensar e agir pedagogicamente com base na noção de igualdade entre todos.

Enfim, nas questões que nos colocamos no início deste texto, podemos concluir que alguns aspectos relevantes são importantes para pensar a contribuição da etnografia nos estudos das relações raciais em educação.

Em primeiro lugar, fica claro que o jogo da classificação do objeto, realizado por Eliane Cavaleiro e Ângela Maria dos Santos, já evidencia a própria definição do objeto. Gisely Botega, de forma diferenciada, apesar de uma demarcação do objeto, procura pistas para um possível resultado distinto.

Em segundo lugar, se considerarmos a existência de três dimensões na constituição de um objeto de pesquisa, o político, o metodológico e o pessoal, podemos identificar que somente Gisely Botega vai explicitar a terceira dimensão. As outras duas pesquisadoras destacam fortemente a primeira.

Em terceiro lugar, é no trabalho de Gisely Botega que mais se evidencia a construção do dado etnográfico, ou seja, sua imersão no campo é marcada por uma preocupação com a descrição do contexto mais amplo, do contexto de sua fala, de sua abordagem junto aos sujeitos e as conexões desses vários aspectos com as diversas expressões de representações identitárias dos sujeitos. Isto lhe permitiu, na problemática

da pesquisa, perceber outros fatores relevantes para a construção do autoconceito identitário de crianças negras na escola. Já nos outros dois trabalhos, estes dados não aparecem explicitamente, ou melhor, aparecem de forma subentendida ou limitada nas entrevistas, e em seguida, nas observações do cotidiano escolar. Os dados partem de uma predisposição teórica e conceitual sem a preocupação de construir possíveis dados novos, ou a novidade etnográfica.

Enfim, na análise desses três trabalhos, pode-se concluir que um trabalho etnográfico permite a construção de novos dados naqueles estudos que já possuem categorias e ferramentas de análises fortes e consolidadas na literatura acadêmica. Isto pode nos demonstrar também que o dado etnográfico e uma perspectiva comparativa, acumulada pela antropologia, parecem lidar bem com as continuidades e descontinuidades entre modos de viver e de representar o mundo, principalmente quando estamos falando das sutilezas das relações raciais no Brasil e nos contextos educacionais.

#### **Referências bibliográficas:**

- ANDRÉ, Marli Eliza. *Etnografia da prática escolar*. Campinas: Papyrus, 1995.
- BENTO, Maria Aparecida Silva. Branqueamento e branquidade no Brasil. In: CARONE, Iray e BENTO, Maria Aparecida Silva. (Orgs.) *Psicologia social do racismo: estudos sobre branquidade e branquesamento no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 2002.
- BOTEGA, Gisely Pereira. *Relações raciais nos contextos educativos: implicações na constituição do autoconceito das crianças negras moradoras da comunidade de Santa Cruz do município de Paulo Lopes/SC*. Florianópolis: Dissertação de Mestrado / UFSC, 2006.
- CAVALLEIRO, Eliane dos Santos. *Do silêncio do Lar ao Silêncio Escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil*. São Paulo: Contexto, 2000.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.
- GOFFMAN, Irving. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1963.

- GOMES, Nilma Lino. Socialização primária: tarefa familiar? In: *Caderno de pesquisa..*  
São Paulo: nov. 1994, nº 91, pp. 54-61.
- HASEMBALG, Carlos Alfredo. *Discriminação e desigualdades raciais no Brasil*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- LUDKE, Menga e ANDRÉ, Marli Eliza. *Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.
- MALINOWSKI, Bronislau. *Os argonautas do pacífico Sul*. São Paulo: Abril, 1973.
- MUNANGA, Kabenguele. *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- SANTOS, Ângela Maria dos. *Vozes e Silêncio do Cotidiano Escolar: as relações raciais entre alunos negros e não-negros*. Cuibá: EdUFMT, 2007.

---

\* Doutorando em Educação Brasileira pela PUC - Rio, Professor Assistente da UERJ e membro do Núcleo de Estudos Étnico-Raciais e Ações Afirmativas da FAETEC - NEERA.